



Ministério quer evitar conflito com xavantes

Apoena atrai avá-canoeiros

MARIO CHIMANOVITCH
Enviado especial

O sertanista Apoena Meirelles, 25 anos, pacificador dos cintas-largas, depois de deixar a expedição que tenta consolidar os contatos com os kranhacárores, prepara-se para sua última missão de contatos com índios do Brasil: num velho jipe emprestado pela Funai, sairá hoje de Goiânia à procura dos 40 avá-canoeiros, índios misteriosos e arredios, que circulam pelo norte de Goiás.

Apoena sabe pouca coisa sobre eles, mas o suficiente para organizar uma técnica de abordagem. O namoro, por exemplo, esquema de deixar presentes para que os índios recolham e compreendam que a missão é de paz, já foi descartado. Os avá-canoeiros são perseguidos por fazendeiros, usam flechas com ponta de metal, conhecem armas. Apoena acha que não se interessariam por miçangas, balões ou brinquedos de plástico, que tanto fascinam os kranhacárores.

A técnica do namoro, no caso, poderia ter resultados nulos. Acredito que com os avá terei de agir de acordo com a situação, isto é, tentar estabelecer o contato à primeira vista.

No jipe da Funai, ele percorrerá 700 quilômetros de estradinhas precárias até o Canuamã, nas cabeceiras do rio Formoso. Desta vez, não levará os xavantes que o têm acompanhado em todas as frentes de atração que comandou: "Quero primeiro sentir a região em que vou pisar. Se houver necessidade, chamarei os batedores xavan-

tes", mas já vai disposto a instalar o posto central de operações. O posto apoiará suas caminhadas, viagens de lancha ou a cavalo na procura dos índios, numa área superior a 500 quilômetros quadrados.

Vai chover enquanto Apoena estiver tentando o contato. As estradinhas de terra ficarão alagadas, os homens enlameados, o equipamento poderá ser danificado, mas o sertanista acha tudo isso insignificante. Seu pai, o lendário Chico Meirelles, contactou os mckronon-tire, em 1968, em situação semelhante.

— Era um trabalho difícil. Esses índios eram considerados o terror da região. Já conheciam armas de fogo. Matavam seringueiros e raptavam suas mulheres e crianças para que os ensinassem a atirar. Ao invés de oferecer brinquedos ou coisas de valor inútil, Chico Meirelles passou a deixar armas novas nos tapiris. A técnica foi inteligente, pois os guerreiros viviam matando os seringueiros justamente para roubar-lhes as armas.

Depois disso, conta Apoena, Chico Meirelles invadiu a aldeia repentinamente, "soitando foguetes e fazendo um barulho dos diabos. Não houve tempo para que os índios manifestassem reações hostis. Estava feito o contato. E' mais ou menos isso que pretendo fazer". As chubvas, segundo Apoena, vão até ajudar, "impedindo que nossos passos sejam notados e mantendo os avá no abrigo de suas aldeias".

MISTÉRIO: QUEM SÃO?

Os avá-canoeiros vivem em cavernas? Essa é uma das muitas histórias que correm so-

bre eles, tornando-os índios temidos mas fascinantes. Outras: jamais tiveram contatos amistosos com brancos, comem carne dos cavalos que roubam dos fazendeiros, raptaram uma menina branca há 20 anos. Os índios também seriam resultado da união de escravos foragidos com índios carijós, originários de São Paulo mas levados para a região por bandeirantes que procuravam esmeraldas. Na verdade, com esta lenda tenta-se explicar a origem da cor negra de alguns avá-canoeiros, apesar de ninguém provar que os viu a menos de 10 metros.

De certo, sabe-se que estão ameaçados pelas fazendas que se instalam na região e por isso a Funai decidiu atrai-los para sua proteção. O governo de Goiás teria reservado uma área de 30 mil hectares para que os índios a usem como reserva.

Atualmente sem terra fixa, eles vagam por entre as fazendas. Para melhor se defenderem das pessoas que querem destruí-los (diz-se que até cães de caça são mobilizados contra os índios), os avá-canoeiros dividiram-se em dois grupos. Um está no Vale do Araguaia, para onde irá Apoena. O outro, no município de Cavalcanti, a apenas 250 quilômetros de Brasília.

"CABELEIRAS"

Esse grupo será atraído por Israel Praxedes, 51 anos, sertanista há 43, ex-ajudante de Chico Meirelles, pai de Apoena. Nos últimos 30 meses, Praxedes tentou um contato com os índios. Chegou a instalar pos-

tos fixos de atração, mas não conseguiu nem informações para derrubar alguns mitos, como o da cor:

— Devemos levar em conta que todo homem que por muito tempo permanece na mata ou no sertão, sob a inclemência do sol, acaba por se tornar escuro. Por outro lado, já ouvi diversas pessoas da região afirmarem ter visto os canoeiros. Essas pessoas disseram-me que o grupo que vagueia pela região do Araguaia possui cabelos longos e lisos, muito bonitos, o que não é, como sabemos, característica da raça negra. Ainda assim penso que esses índios poderiam ter aproveitado as crinas dos cavalos que roubam para confeccionar vistosas cabeleiras. Mas tudo não passa de uma suposição, para ser sincero.

— E a moça loura raptada quando tinha três anos?

— Foi procurado — diz Praxedes — pelo agricultor Joaquim Lima, residente na Ilha do Bananal, que se disse pai da moça e pediu-me que tentasse resgatá-la. O velho contou-me que há mais de 20 anos sua filha foi raptada por esses ín-

dios quando se encontrava brincando à porta de sua casa. Aquela altura, o pai estava na lavoura e a mãe não teria percebido nada. Hoje, se isso é verdade, essa moça, se estiver viva, deverá ter 23 ou 24 anos e penso que será muito difícil sua readaptação à vida civilizada.

NO FIM, O SONHO

Já Apoena Meirelles está preocupado com a adaptação dos índios. Ele anuncia esta como sua última missão de atração de grupos arredios.

— A partir do próximo ano quero dedicar-me integralmente a um grupo já contactado e desenvolver junto a ele um trabalho de resultados mais nobres e positivos. Do que me adianta, afinal, atrair índios e vê-los depois, simplesmente, entregues a gente de competência duvidosa? Quero tornar real o grande sonho de meu pai, que em linhas gerais significava transformar uma comunidade indígena em gente capaz de auto-sustentar-se sem depender de paternalismos, ao mesmo tempo em que mantém intactos os seus traços culturais. Isso é possível, evidentemente, e eu o tentarei.

Data: 30.10.73

Pg: 19

Fonte: O Estado de São Paulo

Class.: 19

Povos Indígenas no Brasil

CEDI